



ANÁLISE TEXTUAL CRÔNICA: UMA ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO “TUDO É LINGUAGEM” DO 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Myrna Andreza da Silva Alves¹
Joseval dos Reis Miranda²

RESUMO

A linguagem é um caminho vasto que se multiplica e re/cria facetas surpreendentes. Para registrar esses pequenos instantes, porém riquíssimos em detalhes e conteúdos, a literatura dispõe de vários gêneros, entre eles, a crônica. Esta pesquisa investigou o Gênero Crônica, presente no livro "*Tudo é Linguagem*" (2009), sendo as duas obras escolhidas para análise: *Aconteceu alguma coisa* (Carlos Drummond de Andrade) e *Os jornais* (Rubem Braga). De proveito didático, a crônica se apresenta como um gênero muito mais amplo, com textos que trafegam por amplos caminhos que dialogam com diversos temas conceituais do cotidiano, do social e do cultural. A fundamentação baseia-se em teóricos/estudiosos como: Cândido (1993), Marconi e Lakatos (2003), Halmenschlager (2005), nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNS, 1997) e no livro didático *Tudo é Linguagem*, de Ana Bargatto, Terezinha Bertin e Vera Marcheri (2009). Os resultados evidenciam que as crônicas possuem componentes propícios para aguçar o senso crítico do leitor, enriquecer o ponto de vista do aluno e proporcionar uma maior reflexão acerca de diversos contextos, trazendo textos que podem servir de base para diversas discussões em relação a múltiplos assuntos.

Palavras-chave: Crônica, Análise textual, Literatura Brasileira.

1 REFLEXÕES INICIAS SOBRE GÊNERO TEXTUAL CRÔNICA

A linguagem é um caminho vasto que se multiplica e re/cria facetas surpreendentes. O cotidiano é algo que está em contínuo movimento, posições, acontecimentos que se metamorfoseiam constantemente e a linguagem precisa encontrar possibilidades para acompanhar esse avanço fugaz que se apresenta no dia a dia. Para registrar esses pequenos instantes, porém riquíssimos em detalhes e conteúdos, a literatura dispõe de vários gêneros, entre eles, a crônica. A crônica é um gênero textual na qual se trata de expressar coisas corriqueiras em textos menores que os contos, por exemplo. Porém, em seu pequeno espaço de escrita a crônica ultrapassa o cotidiano em aspectos intertextuais e de interdiscursividades: os textos penetram em solo de sentidos múltiplos, no social, no campo crítico e cultural do espaço em que nos situamos.

¹ Graduanda do Curso de Letras Português da Universidade Federal - UF, myrna10_pb@hotmail.com;

² Professor orientador, Doutor em Educação. Professor da Universidade Federal da Paraíba, Centro de Educação, Departamento de Metodologia da Educação, josevalmiranda@yahoo.com.br



Não obstante, a literatura se ampara de ferramentas para expressar a realidade. Nesse caso, temos as ferramentas verbais, ou seja, a escrita para registrar os acontecimentos momentâneos e reflexões artísticas. A crônica é uma dessas ferramentas onde as manifestações da arte, da política, do social, do dia a dia estão sendo re/inventadas de diferentes formas e ângulos. É por meio de tais conteúdos que o leitor se orienta em relação ao espaço-mundo em que ele está inserido.

Os textos dizem muito mais do que pensamos que eles têm a dizer; são infinitos em campos de sentidos e de reflexões. Ultrapassam a objetividade e penetram em diversos campos de sentidos, como por exemplo, na metáfora. Ou seja, discutir/ elaborar atividades que tenham a literatura como foco para a resposta é preciso que se busque além do óbvio. A crônica trafega por linhas simples e possui uma sutileza que aproxima o leitor do texto e este daquele.

Desse modo, o nosso trabalho, a seguir apresenta o percurso metodológico desenvolvido, algumas ponderações sobre o gênero crônica e em seguida a análise das duas crônicas escolhidas do livro *Tudo é linguagem* (2009). Por fim, apresentamos as considerações finais.

2 METODOLOGIA

Ao pensar sobre o caminho metodológico como parte do processo de desenvolvimento do presente artigo, é cabível dizer que se trata apenas de um pequeno “recorte”, ou seja, de uma análise sobre os textos e as propostas de atividades apresentadas no livro de didático. Esta pesquisa investigou o Gênero Crônica, presente no livro *"Tudo é Linguagem"*, das autoras Ana Bargatto, Terezinha Bertin e Vera Marcheri (2009). O material didático proposto no livro é destinado para alunos do 7º ano do Ensino Fundamental, trata-se da 2ª edição, publicada pela editora Ática, em São Paulo no ano de 2009 e é constituído por oito unidades, na qual foi escolhida para ser analisada a unidade dois (Crônicas).

Em relação aos textos, são duas crônicas: *Aconteceu alguma coisa* (Carlos Drummond de Andrade) e *Os jornais* (Rubem Braga). De proveito didático, os textos trafegam por amplos caminhos que dialogam com diversos temas conceituais do cotidiano, do social, do cultural, e outras situações do cotidiano.

Podemos observar que as crônicas dialogam entre si através dos campos da interdiscursividade e que vai além de textos que buscam retratar o dia a dia, a vida e as coisas



do um mundo. São narrativas capazes de ultrapassar a objetividade e alcançar o universo da lírica, do escárnio e da Ironia, por exemplo. Talvez, por isso Antônio Candido escreveu que:

É curioso como elas mantêm o ar despreocupado, de quem está falando coisas sem maior conseqüência; e, no entanto, não apenas entram fundo no significado dos atos e sentimentos dos homens, mas podem levar longe a crítica social. (CANDIDO, 1993, p.26).

Notamos então que as crônicas são produções inteligentes e simples, que possuem toda a liberdade de re/criar, “montar” e “desmontar” os acontecimentos da vida e do homem em todos os seus parâmetros, e trafegar por espaços ainda mais complexos como o da crítica social, política, filosófica, religiosa e entre outros.

Não muito raro, encontramos diversas críticas referentes às abordagens que se aplicam nas atividades presentes nos livros didáticos, por tais motivos, resolvemos pesquisar o livro *Tudo é linguagem*, (BORGATTO, A. BERTIN, T. MARCHEZI. V, 2009) em especial, o capítulo dois (p.46) que aborda o gênero crônica. Pensando nisso, nós iremos nos situar nestas questões e tentar por uma análise, mesmo que sucinta, encontrar os elementos, nos textos, que reafirmem suas qualidades significativas e críticas, e comparar com as atividades que foram propostas pelas autoras para a exploração dessas crônicas.

Os gêneros textuais são diversos e eles estão há muito tempo se reinventando desde o período da fala (oral) até o campo da escrita. As crônicas, neste parâmetro, se apresentam como um gênero muito mais amplo, que abre espaço ao novo, a cultura etc. No livro *Material impresso e gêneros textuais: princípios e meios de comunicação para aprendizagem*, da autora Sue Ellen de Lima Calvario Halmenschlager (2005) em relação aos gêneros textuais diz que:

Os estudos sobre esses gêneros remontam ao período antes da invenção da escrita, quando a comunicação acontecia, impreterivelmente, por meio da linguagem oral, da fala. Depois da invenção da escrita os gêneros se multiplicaram, além dos orais, então, surgiram aqueles típicos da escrita. Com o crescimento da cultura do impresso, essa ampliação teve proporções grandiosas, afinal, os gêneros não param de surgir e/ou se modificar dando espaço ao novo. (HALMENSCHLAGER, 2005. p. 63).

Podemos perceber que a origem da comunicação é bastante antiga e acontecia mesmo sem ter a presença da escrita. Ou seja, era por meios de diálogos que as narrativas tornavam-se meios de informação, de reflexão, de divertimento. Com o surgimento da escrita, os gêneros textuais se expandiram.

Levando em consideração tais contextos, nossa pesquisa se situa em um método bibliográfico que segundo Marconi e Lakatos (2003), “A pesquisa bibliográfica compreende



oito fases distintas: a) escolha do tema; b) elaboração do plano de trabalho; c) identificação; d) localização; e) compilação; f) fichamento; g) análise e interpretação; h) redação.” (MARCONI e LAKATOS, 2003, p. 44). Desta forma, buscamos a escolha do tema, dos conteúdos a serem analisados tendo como “amparo” os teóricos já citados, para embasar nossa pesquisa, pois, segundo Marconi e Lakatos (2003) afirmam que:

A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação orais: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas. (MARCONI, LAKATOS, 2003, p. 183).

Partindo de nossas escolhas e amparados teóricos e estudiosos buscamos situar nossas defesas de idéias e críticas, uma vez que, a nós é cabível fazer a mediação e a ligação entre os assuntos abordados. Podemos compreender isso no trecho em que Marconi e Lakatos (2003, p.158) escreveram que “A soma do material coletado, aproveitável e adequado variará de acordo com a habilidade do investigador, de sua experiência e capacidade em descobrir indícios ou subsídios importantes para seu trabalho.” Ou seja, partimos de tais pressupostos para adequar nossas idéias dentro do contexto da pesquisa. Por esse viés, criamos pontes entre os textos e as atividades, apresentando os pontos fulcrais e arquitetar possíveis métodos para a reelaboração das propostas, caso seja necessário.

3 PONDERAÇÕES TEÓRICAS SOBRE O GÊNERO CRÔNICA

De conteúdo temos os gêneros textuais (crônicas), entende-se por gêneros textuais, de acordo com Halmenschlager (2005, p.63) “[...] depois da invenção da escrita os gêneros se multiplicaram, além dos orais, então, surgiram aqueles típicos da escrita. Com o crescimento da cultura do impresso, essa ampliação teve proporções grandiosas, afinal, os gêneros não param de surgir e/ou se modificar dando espaço ao novo. Ou seja, são gêneros textuais narrativas orais e escritas que ao decorrer do tempo sofreram inúmeras modificações.

De acordo com os PCN (1997, p. 22), “A noção de gênero refere-se, assim, a famílias de textos que compartilham características comuns, embora heterogêneas, como visão geral da ação à qual o texto se articula, tipo de suporte comunicativo, extensão, grau de literariedade, por exemplo, existindo em número quase ilimitado.” Ou seja, os gêneros textuais ultrapassam a própria existência em diversos grau e extensões.



Para a definição de crônica temos Cândido (1993). Para o autor a narrativa em questão “[...] não é um “gênero maior”. Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Nem se pensaria em atribuir o Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse. Portanto, parece mesmo que a crônica é um “gênero menor”. Ou seja, a crônica é, por muitos, considerada um gênero inferior, entretanto, quando observada, notamos que de menor ela não tem nada e além de informar podemos compreender que nela “[...] Há estilos roncantes mas eficientes, e muita grandiloquência consegue não só arrepiar, mas nos deixar honestamente admirados.” (CANDIDO, 1993, p. 23).

Nisto, nosso trabalho consistiu em analisar os fatos, em mensurar as relações entre as variáveis e comparar as relações observadas com relações teoricamente esperadas pelas hipóteses que se referem aos textos e as atividades propostas no livro didático. Por esse viés, buscaremos criar diálogos entre textos, livro didático e os teóricos para que seja analisada, de forma sucinta, a abordagem dessas ferramentas destinadas para turmas do sétimo ano do Ensino Fundamental.

Em geral, esse tipo de texto, aparece com uma escrita, aparentemente, descompromissada, entretanto, quando analisado, o pesquisador descobrirá infinitas ligações com diversos aspectos que surgem nos fatos recorrentes da vida. Talvez seja essa a razão pela qual esse gênero textual não possui a visibilidade que deveria ter, pois há ainda quem o veja como um texto inferior. O fato é que de inferior a crônica não tem nada. O que acontece é justamente o contrário: possui um rico acervo de informações e posicionamento crítico. Esse tipo de texto, geralmente, se apresenta em poucas páginas e com linguagem, muitas vezes, simples, e alguns, quase beiram as expressões populares. São conceitos como estes apresentados que, talvez, torne esse tipo de narrativa mais real e a aproxime ainda mais do leitor.

Antônio Candido no livro *A vida ao rés-do-chão (1993)* define tudo o que poderia significar ou como poderia se apresentar uma crônica. Ele escreve que é:

[...] Por meio dos assuntos, da composição solta, do ar de coisas sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo o dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto no nosso modo de ser mais natural. (CANDIDO, 1993. p. 23).

Sem dúvida, essa maneira natural de contar as coisas é que torna o texto mais expressivo, pois possui a capacidade de situar o leitor e o seu espaço dentro da narrativa. Ao lermos a crônica *Aconteceu alguma coisa* (Drummond), presente no livro didático *Tudo é*



linguagem (2009) podemos identificar esta intimidade texto-leitor-mundo. Aproximam-se de maneira tão natural que a ficção da literatura torna-se um retrato da realidade. Vejamos este trecho da crônica:

Dois guardas à porta, barrando a passagem. O bolo de gente na calçada, espichando pescoço para assuntar.
- Vai ver que mataram alguém no edifício.
- Com certeza assaltaram o banco, e...
- Que banco? Não está vendo que não tem banco nenhum aí?
- Já sei. Pegaram lá em cima um grupo de subversivos, e eles estão encurralados, não querem se render. Não saio daqui enquanto os caras não aparecerem.
Cresce a confusão. Tão rápido, que até organizada. Todo mundo colabora para que seja total. E fala, fala.

O trecho da crônica de Drummond, que consta no livro *Tudo é linguagem* (2009), (p.48) é o reflexo do que já foi dito acima sobre uma linguagem natural, espontânea. O início do texto já nos remete a algo do cotidiano. Quando o leitor ler “bolo de gente” este logo poderá imaginar que se trata de uma grande aglomeração de pessoas ou alguma outra palavra que lembre um grande número de gente reunida. Estas palavras muito usadas oralmente remetem ao leitor a sensação de sentir o acontecimento mais próximo dele. Ao passo que vai se desenrolando o diálogo, nós podemos perceber que a aglomeração de pessoas vai aumentando e ao passo que isso vai ocorrendo, mesmo sem saber de fato o porquê de toda a confusão, as pessoas vão “chutando” o que, provavelmente, poderia estar acontecendo.

Já neste pequeno trecho podemos encontrar uma crítica à sociedade: o fator do disse-me-disse em que todo mundo fala o que acha ou o que pensa sem se preocupar em saber o que está ocorrendo de fato. Também podemos dizer que o texto crítica à atualidade, uma vez que, é exposto temas como roubos, mortes e bandidagem. Ou seja, se direciona aos fatos corriqueiros. A narrativa, na crônica de Drummond, como nós podemos perceber, é um espelho da realidade de todas as pessoas que começaram a se aglomerar em torno do acontecimento. As pessoas dão opiniões sobre ser um caso de assalto a bancos porque essa ocorrência tem se tornando corriqueira no espaço em que elas vivem.

Desse modo, a crônica ao narrar um fato do cotidiano, como observado no primeiro trecho do texto já citado, de uma maneira tão natural e descompromissada acaba, talvez sem querer, adquirindo um compromisso muito grande: informar por uma perspectiva mais próxima do leitor. Não que esse gênero tenha pretensão, necessariamente, de informar, mas a maneira como ela se desenvolve tende a aproximar leitor numa abrangência muito maior. Podemos compreender isso quando Candido (1993) escreve:

Na sua despreensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorrateira, recuperar com a outra mão certa profundidade de significado e certo



acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição. [...] Há estilos roncantes mas eficientes, e muita grandiloquência consegue não só arrepiar, mas nos deixar honestamente admirados (CANDIDO, 1993, p. 23).

De fato, nós podemos encontrar esta despreensão nas crônicas escolhidas para serem analisadas. Podemos encontrar também essa grande capacidade dos textos fazerem o leitor, como escreve o autor, “arrepiar-se” e talvez conseguir deixá-lo admirado. Sobre isso conseguiremos notar nos trechos seguintes da crônica *Aconteceu alguma coisa*. Os acontecimentos vão surgindo um após o outro e assim o texto vai se aproximando da realidade. Vejamos:

- Olha aquela velha desmaiando!
- Velha coisa nenhuma, é uma loirinha muito bacana.
- E não está desmaiando, está brigando de unha e dente, alguém apalpou ela ou afanou a bolsa.
- Te garanto que houve morte. Um padre abriu caminho e entrou lá dentro, apesar dos guardas. Padre mesmo, desses de batina, sacumé?
- Se o cara morreu, não adianta ele entrar, ora essa. Salvo se ainda está agonizando. E quem garante a você que por estar de batina esse que entrou lá não é padre de araque? Tem muita falsificação palaí.
- Não estou vendo fumaça. Incêndio não é.
- Pode ser nos fundos. Espera até a fumaça aparecer. O ultimo incêndio que eu assisti, na Tijuca, levou horas pra convencer.
- Quem sabe foi uma manicure que se atirou no pátio? Já vi caso assim.
- Por essa e outras é que só moro em casa , e casa térrea, sem escada, pra não dar grilo. Eu, hein?
- É mas tem muito inconveniente. Nas casas baixas a poluição é servida a domicílio.
- Repare aqueles dois entrando na raça.
- E na raça foram rechaçados, tá vendo?
- Pronto, interditaram o edifício.
- Pior. Estão esvaziando o edifício.

Não é difícil perceber em como o texto apresenta uma diversidade de assuntos. Pode ser percebível em como, de maneira tão natural, os personagens vão falando e abordando diferentes contextos e situações semelhantes ao que acontece na realidade por meio da oralidade.

Na crônica *os jornais*, de Rubem Braga, podemos encontrar elementos que compõem o dia a dia. E, que também busca como escreve Antônio Candido (1993), arrepiar o leitor. Percebemos que muito mais que informar de maneira descontraída, a crônica busca criar uma interação com aquele que a ler.

Logo no início a crônica *Os jornais*, diz:

- Meu amigo lança fora, alegremente, o jornal que está lendo e diz:
- chega! Houve um desastre de trem na França, um acidente de mina na Inglaterra, um surto de peste na Índia. Você acredita nisso que os jornais dizem? Será o mundo assim, uma bola confusa, onde acontecem unicamente desastres e desgraças? Não! Os jornais é que falsificam a imagem do mundo. Veja por exemplo aqui: em um



subúrbio, um sapateiro matou a mulher que o traía. Eu não afirmo que isso seja mentira. Mas acontece que o jornal escolhe os fatos que noticia. O jornal quer fatos que sejam notícias, que tenham conteúdo jornalístico. Vejamos a história desse crime. “Durante os três primeiros anos o casal viveu imensamente feliz...” Você sabia disso?

Percebemos que, logo no início, o texto busca despertar o interesse do leitor. Ao adentrarmos no texto encontramos diversos elementos capazes de enriquecer e aguçar o nosso senso crítico. Notamos em relação à crítica que o texto infere sobre a questão dos jornais só publicarem sobre matérias que lhes convém, ou seja, só trazem à tona notícias que eles acreditam que chamarão a atenção do público. Outra reflexão que o leitor poderá observar no trecho citado é sobre o pensamento popular em relação às matérias jornalísticas. Levando em consideração esses fatores, percebemos o quão rico são os elementos que estão presentes na composição dos textos intitulados como crônicas.

4 PROPOSTAS DE ATIVIDADES SOBRE CRÔNICAS NO LIVRO DIDÁTICO: COMO SÃO APRESENTADAS? O QUE BUSCAM EXPLORAR?

Segundo os PCN de Língua Portuguesa³ para os Anos Finais do Ensino Fundamental (1997), é necessário que se organize ações com a finalidade de contribuir para o aprendizado do aluno, ou seja, por meio das avaliações podemos medir o grau de assimilação que o alunado conseguiu alcançar. Percebemos isso quando lemos:

A avaliação deve ser compreendida como conjunto de ações organizadas com a finalidade de obter informações sobre o que o aluno aprendeu, de que forma e em quais condições. [...] A avaliação deve ser compreendida como constitutiva da prática educativa, dado que é a análise das informações obtidas ao longo do processo de aprendizagem o que os alunos sabem e como que possibilita ao professor a organização de sua ação de maneira adequada e com melhor qualidade. (BRASIL, 1997, p.95).

A partir do que mencionamos, uma boa proposta de atividade pode ser fundamental para que o discente compreenda ainda mais um texto e consiga organizar as suas ideias e seu aprendizado sobre os elementos estudados. Pensando nisso, buscamos analisar não só os textos (referente ao gênero textual crônica), mas também algumas das atividades que foram propostas pelo livro didático Tudo é Linguagem, de Ana Bargatto, Terezinha Bertin e Vera Marcheri (2009). Ao conferir as atividades, nós percebemos que elas deveriam ser mais bem elaboradas. Não que as perguntas sejam objetivas, pouco interpretativas, na verdade algumas

³ Utilizamos os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1997) nessa pesquisa, pois na época da mesma a Base Nacional Comum Curricular ainda não havia sido aprovada e homologada pelo Conselho Nacional de Educação e pelo Ministério da Educação.



delas buscam até aguçar a reflexão do aluno, porém buscam esse objetivo de uma maneira superficial. Notamos isso de acordo com a atividade nº1 referente à crônica aconteceu alguma coisa, de Drummond:

Figura 01 – Atividade do livro didático Tudo é Linguagem (2009)

- 1 Depois de ter lido a crônica intitulada *Aconteceu alguma coisa*, converse com um colega sobre o texto, tentando responder às perguntas:
- Em que cenário se passa o que foi narrado na crônica? Tudo acontece numa rua de uma cidade, em frente a um edifício.
 - Que fato pouco comum provoca a curiosidade dos passantes e desencadeia o ajuntamento diante do edifício? O fato de haver dois guardas barrando a porta de um edifício.

Fonte: Livro Tudo é Linguagem (2009) – 7º ano.

Na primeira questão, as autoras do livro propõem um diálogo entre alunos, logo se espera uma discussão acerca de elementos que podem está no texto e fora dele, entretanto, observamos que quando a atividade parte para as alternativas A e B, esse sentido de conversa se perde. Na alternativa A se pergunta sobre “*em que cenário se passa o que foi narrado na crônica*” uma pergunta que pode ser um tanto óbvia para alunos do 7º ano. Na B o mesmo panorama se repete. Podemos observar então que as alternativas A e B não buscam explorar o senso crítico dos alunos nem o contexto situacional dos conteúdos que podem ser encontrados no texto, no caso, a crônica. Podemos compreender a importância de se trabalhar com o texto quando a autora Halmenschlager escreveu:

Compreendendo o texto como unidade básica da linguagem verbal, é preciso usá-lo como instrumentos de praticas de ensino. Dessa forma, se introduz nos ambientes os mais diversos gêneros da sociedade. E, como você já viu, o texto não precisa ser apenas objeto e fim de estudo da área de Língua. Ele pode ser estendido a todas as áreas de conhecimento e também pode ser um exímio instrumento de Inter e transdisciplinaridade, ou seja, pode ser usado não somente para a colaboração entre as áreas do conhecimento, mas também para organizar os conhecimentos construídos pela integração e articulação das disciplinas. (HALMENSCHLAGER, 2005, p. 79).

Nessa direção, os textos colaboram para que haja interação entre os alunos e que eles consigam desenvolver a articulação acerca dos componentes que podem estar presente dentro das narrativas. Logo, se as alternativas não buscam aguçar essa procura pelo diálogo, de fato, e a reflexão de ideias, elas não proporcionam o aprendizado, mas sim, o acúmulo de informações. Nas questões dois e três não são muito diferentes do que se propõe na alternativa um. Nota-se um busca pela fragmentação do texto e não pela compreensão deste. Reparemos nas atividades já citadas:



Figura 02 – Atividade do livro didático Tudo é Linguagem (2009)

- 2** O leitor toma conhecimento do que pode estar acontecendo por meio do diálogo entre as personagens que observam uma cena.
- a.** As personagens que observam a cena se conhecem?
Aparentemente não, mas pelo menos duas se conhecem porque uma trata a outra pelo nome, Secundino.
- b.** Por que elas se aglomeram?
Porque são movidas pela curiosidade.
- c.** O que elas conversam?
Cada uma tem uma hipótese sobre o acontecimento que veem.
- 3** O que aconteceu realmente?
Nada de importante havia acontecido: era só uma liquidação, como as muitas que acontecem cotidianamente no comércio.

Fonte: Livro Tudo é Linguagem (2009) – 7º ano.

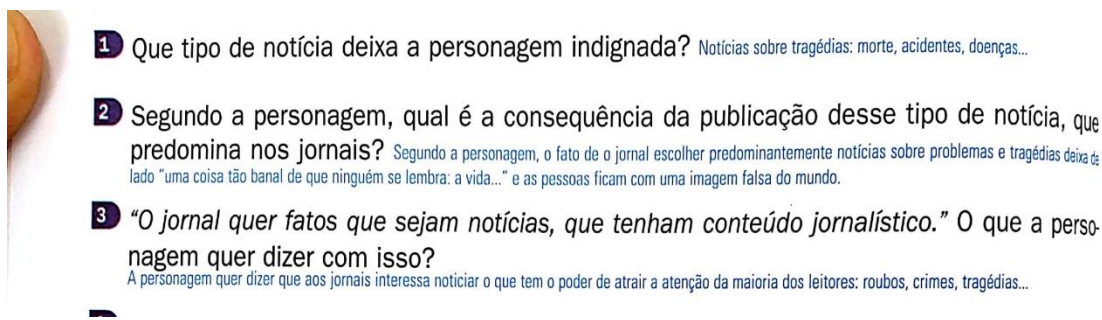
Ao lermos as alternativas A, B e C, da segunda questão observamos que elas deveriam buscar explorar as unidades que compõem os textos, mas ao invés disso, discorrem-se em copiar trechos da narrativa. Esse tipo de atividade não permite ao aluno criar interpretações e discutir sobre os seus pontos de vista. Compreendemos a necessidade de trabalhar as atividades por uma perspectiva mais ampla, quando relacionadas ao texto, quando lemos:

Então, o texto pode servir para unir os conteúdos curriculares, tornando a escola um espelho da sociedade, em que a circulação de ideias, conceitos, textos, não é fracionada, fragmentada, encaixotada. É preciso compreender a diferença entre organizar e compartimentar, afinal, a organização curricular dos conteúdos por disciplinas não tem um intuito separatista e sim de sistematizar e ordenar. (HALMENSCHLAGER, 2005, p. 79).

Com base nas palavras de Halmenschlager (2005) conseguimos entender a importância de não trabalhar um texto de maneira que o fragmente através da ferramenta do copiar e colar. Compreendemos, de acordo com a autora, que é preciso ir além e este além está nas ideias articuladas, nos diálogos em relação ao que se compreendeu do texto, nas situações em que o alunado está inserido, na troca de ponto de vista. Nas atividades referentes à segunda crônica (*Os jornais*, de Rubem Braga), a questão de número um, no quesito atividade escrita, propõe o seguinte: Que tipo de notícia deixa a personagem indignada? Se levarmos em consideração o que Halmenschlager (2005) escreveu na página 79 essa pergunta trata de fracionar o texto e não trabalhar os conceitos de ideias que o mesmo proporciona durante a reflexão do leitor. Nas alternativas dois e três também não encontramos muita diferença quanto à elaboração das mesmas. Vejamos:



Figura 03 – Atividade do livro didático Tudo é Linguagem (2009)

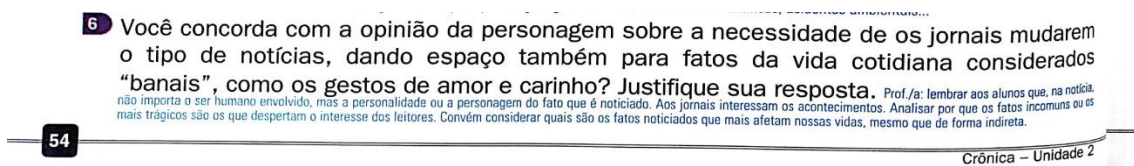


Fonte: Livro Tudo é Linguagem (2009) – 7º ano.

Diante das atividades presentes no livro didático, notamos que elas não alcançam o que se espera que é trabalhar o texto por uma visão mais ampla. Nos PCN de Língua Portuguesa (1997) encontramos o seguinte o tópico: "Espera-se que o aluno, no processo de leitura, consiga articular informações presentes nos diferentes segmentos de um texto e estabeleça relações entre o texto e outros aos quais esse primeiro possa se referir, mesmo que indiretamente, ainda que a partir de informações oferecidas pelo professor" (BRASIL, 1997, p. 96).

Logo ao analisarmos as questões acima não encontramos esse meio de gerar uma ponte entre as "informações presentes nos diferentes segmentos de um texto" e as atividades, uma vez que, podemos perceber que elas buscam apenas propõem a fragmentação da narrativa. No quesito de número seis é onde encontramos a melhor elaboração, pois a atividade visa despertar no alunado a elaboração de seus pontos de vista, de sua reflexão acerca do que fora compreendido no texto. Vamos à alternativa:

Figura 04 – Atividade do livro didático Tudo é Linguagem (2009)



Fonte: Livro Tudo é Linguagem (2009) – 7º ano.

O fato de proporcionar ao discente a oportunidade dele justificar a sua resposta, ou seja, possibilitar ao mesmo a chance de expor a sua reflexão em relação ao conteúdo pode contribuir para um diálogo entre texto e leitor de maneira crescente e mais oportuna para capacitar-se. O texto sozinho não dá conta da compreensão, é preciso desenvolver métodos



capazes de somar com as narrativas, ou seja, desenvolver boas atividades pode contribuir para o aprendizado. É o que podemos assimilar quando Halmenschlager (2005) escreve:

Mas é preciso lembrar que só a quantidade de gêneros textuais ofertados não garante a aquisição efetiva da linguagem e a formação de leitores e escritores competentes. É preciso saber explorar esses textos e utilizá-los adequadamente, de forma planejada. Eles não podem ser meras fontes de informação ou instrumentos de ilustração e complemento de um conteúdo (HALMENSCHLAGER, 2005, p. 80).

Nessa conjuntura, trabalhar os gêneros textuais apenas com o pretexto de fragmentá-los não promove compreensão. Diante disso, podemos compreender a grande importância que se tem de levar um texto para sala de aula e, mais importante que levar e apresentar aos alunos, é trabalhar com ele de uma forma que venha aguçar o senso crítico e a noção de mundo dos discentes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos dizer que os textos aqui avaliados, quando apresentados nos livros didáticos, em especial, o livro que analisamos, possuem componentes propícios para aguçar o senso crítico do leitor, enriquecer o ponto de vista do aluno e procura proporcionar uma maior reflexão acerca de diversos contextos. Percebemos então que o livro traz textos que podem servir de base para diversas discussões em relação a múltiplos assuntos. Que estão de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) e que podem exercer muito mais que informações, podem também, criar diálogos de cunho social, cultural, histórico e reflexivo. Ou seja, as crônicas são apresentadas de forma em que o aluno pode interagir com os textos ao lê-los criando reflexões acerca de temas que possivelmente foram detectados. Comprendemos também, que muito mais importante que levar os gêneros textuais para sala de aula, é saber trabalhar com eles sem retirá-lo de seu ambiente descompromissado.

Já sobre as propostas de atividades referentes aos textos analisados, percebemos, ao levar em consideração o que dizem os teóricos, estudiosos, e o que está nos PCN de Língua Portuguesa, que as mesmas não contribuem para uma exploração de forma ampla sobre as narrativas e tão pouco buscam aguçar as reflexões dos discentes. Notamos que, na maioria das questões, existe o direcionamento apenas para a fragmentação das crônicas, exceto na alternativa seis que se refere a crônica *Os jornais*, de Rubem Braga. Nesta atividade, há a tentativa de despertar no alunado sua compreensão e reflexão em relação ao texto literário.

Assim, chegamos à compreensão sobre a importância dos gêneros textuais nos livros didáticos, em especial, as crônicas, uma vez que, elas com sua maneira “livre de ser”,



aproximam o leitor dos fatos e elementos diversos e contribuem para enriquecer o cognitivo do leitor para que o mesmo venha a expandir a sua compreensão de mundo. Diante disso, é preciso que se pense bastante na hora de organizar as aulas e ao elaborar as perguntas que tenham como base de pesquisa os textos literários, pois é necessário que possamos instigar o interesse do aluno em querer saber mais do aquilo que está explícito no texto; é importante direcionar o discente para que ele exponha seu senso crítico no mundo e na sociedade em que ele se insere.

REFERÊNCIAS

BOCATTO, A; BERTIN, T; MARCHEZI, V. **Tudo é linguagem:** língua portuguesa. 2.ed. São Paulo: Ática,2009.

BRASIL. MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais** (5ª a 8ª séries). Brasília: MEC/SEF, 1997a., 10 volumes.

CANDIDO, Antônio. A vida ao rés do chão. In: CANDIDO, Antônio. **Recortes**. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

HALMENSCHLAGER, SueEllen de Lima Calvario. **Material impresso e gêneros textuais:** princípios e meios de comunicação para a aprendizagem. São Paulo. Erica, 2015.

MARCONI, M. de, Andrade; LAKATOS, E. Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas 2003.